

Libido¹

Carolina CASTILHO²

Lílian Solá SANTIAGO³

Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, Salto, SP

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo expor motivações e inspirações, bem como referências técnicas e narrativas para a elaboração do roteiro para curta-metragem de ficção “Libido”. “Libido” mostra os acontecimentos na vida de um professor de História, após receber o pedido para lecionar para o Ensino Fundamental. Arthur passa a ser obrigado a lidar com seu maior conflito interno todos os dias: o desejo sexual por crianças. Com medo de não conseguir controlar os seus desejos e machucar um de seus novos alunos, tenta de todas as maneiras desvencilhar seus pensamentos de seus desejos. Mas as pessoas que o cercam não estão prontas para ajudá-lo.

PALAVRAS-CHAVE: roteiro; curta-metragem; drama; desejos; pedofilia.

INTRODUÇÃO

“Libido” é um roteiro cinematográfico para a produção de um curta-metragem de 15 minutos do gênero drama. Após fazer com que o espectador se simpatize pelo caráter inocente de um personagem que possui uma condição condenada pela sociedade, busca despertar o questionamento no espectador sobre até onde ele e a comunidade em que vive têm o direito e argumentos concretos para julgar as condições pessoais de outrem. A todo o momento, o roteiro expõe através de metáforas o conflito interno do personagem, que apesar de serem sutis aparecem em forma de crítica, com o fim de mostrar o quão julgadora uma sociedade pode ser, e que certas coisas são incontroláveis e inculpáveis, mesmo quando ultrapassam valores éticos e morais.

A palavra “drama” pode significar “forma narrativa em que se figura ou imita a ação direta dos indivíduos”, ou, de forma análoga “qualquer narrativa no âmbito da prosa literária em que haja conflito ou atrito”. Ou seja, “drama” tem como significado a ação.

Seguir este significado de maneira etimológica torna o gênero “drama” muito abrangente no cinema. Portanto, o que o singulariza é o tema a ser discutido, a estética e a narração e, principalmente, o conflito e a construção psicológica dos personagens que são bem aprofundadas.

Segundo a psicanálise, todo indivíduo possui uma Libido. A Libido é a energia que libera todas as nossas pulsões, sendo elas psicológicas ou sexuais. Segundo Sigmund Freud, a libido:

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Roteiro de Ficção (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso Cinema e Audiovisual, email: Carol_gd28@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Cinema & Audiovisual do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, e-mail: liliansantiago@superig.com.br

...guarda um único sentido: o de se distinguir de todas as relações do eu com o mundo exterior. Em outros termos, trata-se de uma distinção do conjunto das funções de auto-conservação que nada têm a ver com o desejo. (FREUD, Sigmund, 2013, p.40)

O roteiro “Libido” teve seu desenvolvimento no segundo semestre no ano de 2014, tendo sua ideia inicial após a leitura do livro “Introdução ao narcisismo – O amor de si” (NICÉAS, 2013) e foi desenvolvido para um trabalho sobre a sexualidade da matéria Psicologia I, ministrada para o curso de Cinema e Audiovisual na Faculdade de Comunicação, Artes e Design do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio.

OBJETIVO

O objetivo foi aprimorar as técnicas da produção de roteiros, utilizando como base os métodos defendidos por Syd Field, Doc Comparato e Hugo Moss para se contar uma história bem estruturada nos moldes clássicos do cinema. Outra proposta foi estudar a discussão das pulsões sexuais através da leitura de Sigmund Freud, em que foram analisados os elementos de estudo para a elaboração do conflito do personagem: o desejo sexual involuntário por crianças.

Assim, expor a tese sobre a posição ética e moral da sociedade para com a sexualidade individual também foi um dos objetivos, sendo utilizada de maneira simbólica no roteiro, que foi exposta através dos personagens secundários e contribui de maneira significativa na narrativa da obra.

Em suma, o roteiro não teve por finalidade negatizar ou positivar a discussão lançada, ou seja, o personagem pedófilo como vítima de seus desejos, mas sim fazer com que o espectador, além de refletir sobre os motivos que levam as pessoas a discutirem sobre determinados assuntos, e ignorarem outros não menos importantes, se auto-questione e tire uma conclusão pessoal sobre seu direito de julgar, que generaliza o composto a partir dos atos do singular, e que independente do valor ético ou moral do indivíduo, ele também tem seus direitos como cidadão, e tem o direito à felicidade, desde que não prejudique o próximo. Portanto, o roteiro em nenhum momento faz uma defesa da pedofilia, do contrário, trata de um assunto tabu como pretexto para discutir questões mais amplas.

JUSTIFICATIVA

As pessoas se acham livres de preconceitos porque transcendem o racismo ou a homofobia. Mas na verdade, existem outros assuntos alvos de preconceitos que precisam ser discutidos e analisados, cujo quais as pessoas preferem ignorar ao invés de se informarem, julgando assim as vítimas desses assuntos poucos abordados, ao invés de tentarem ajudá-las.

É neste ponto que o roteiro “Libido” abusa do experimentalismo. É usada uma abordagem inovadora – e existente, porém extremamente ignorada, o pedófilo como vítima de seus desejos – para chegar ao fim último do roteiro: o de levar o espectador a se questionar, através da moral sexual imposta, todos os outros valores éticos e morais que os indivíduos impõem aos outros. Assim, um assunto tabu na sociedade pode ser tratado de maneira um tanto quanto distorcida, intolerante e de pouco conhecimento por aqueles que discutem sobre a questão.

Alertar o público sobre temas que estão sendo ignorados, é de extrema importância para a construção positiva da sociedade, e utilizar a pedofilia expondo o pedófilo como vítima de seus desejos como exemplo, é uma ferramenta que causará impacto, atingindo assim seu objetivo principal, fora o fato da pedofilia em si ser muito freqüente no cotidiano, e tem que ser discutida mostrando seus outros lados.

O que irá determinar o objeto escolhido para receber a fonte do desejo, varia de indivíduo para indivíduo, sendo que em muitas vezes o indivíduo não tem autonomia sobre suas pulsões que podem ser conseqüências de algum evento indesejado ocorrido em algum momento de sua vida.

A pedofilia é um assunto de extremo tabu, pois o pedófilo é confundido com o perverso sádico ou com o praticante da prostituição infantil. A pedofilia se define como o amor pelas crianças, segundo o sentido literal da palavra: *paídos+filia*, e consiste na perversão que leva um indivíduo adulto a se sentir sexualmente atraído por crianças.

O que difere o pedófilo do perverso sádico ou do praticante da prostituição infantil, é que o pedófilo não utiliza a força para fazer algo com a criança, muito pelo contrário, o pedófilo repugna a violência infantil, pois ele sente amor fraterno por aquela criança, e não vê problemas nenhum em satisfazê-la sexualmente, após ganhar sua confiança e seu consentimento. Na maioria dos casos, o pedófilo é do sexo masculino, é casado e tem filhos, e raramente têm relações com seus filhos, optando sempre por outras crianças. Alguns pedófilos assumem a pedofilia, e não se sentem culpados, pois o fato de pensarem que estão fazendo um bem para a criança, atua no campo da razão moral e ética daquele pedófilo.

Já outros são vítimas do seu desejo, e apesar de assumirem a pedofilia, a pressão social e o isolamento que o preconceito e a falta de conhecimento das pessoas pela origem do desejo causam na vida do pedófilo, o fazem uma pessoa extremamente depressiva, fazendo-o procurar ajuda.

Existem pedófilos que não praticam nenhum ato sexual contra crianças, sanando suas necessidades com fotos ou filmes, mas mesmo assim são vítimas não só de seus desejos quanto da sociedade, pois suas histórias são sempre contadas colocando o protagonista como vilão.

Segundo o psicanalista e filósofo Mario Fleig,

A pedofilia foi descrita de modo detalhado por Havelock Ellis e Krafft-Ebing, no século XIX, e geralmente é considerada como pertencendo à esfera da perversão, ao lado de comportamentos tomados por desvios sexuais como o fetichismo, a prostituição infantil, a necrofilia, o sadismo, o masoquismo etc. Contudo, é preciso estabelecer aquilo que especifica o drama subjetivo particular do sujeito pedófilo. Freud introduz uma abordagem das perversões inovadora, contrapondo que não devemos objetivar o comportamento dos perversos como se ele fosse exterior ao da espécie humana. Certa vez, procurou-me, para tratamento, um pedófilo, tomado pelo temor de que poderia abusar de sua filha. Este temor já indicava uma das faces de seu drama subjetivo, evidenciando o conflito em que se encontrava e que não estava bem em sua tendência sexual. Nos dias de hoje, assistimos a uma promoção social da pedofilia espetacular, ao passo que outras formas de desvios sexuais, anteriormente condenadas, são socialmente toleradas e até mesmo estimuladas. Por que precisamente a pedofilia se tornou o alvo de nossa repugnância ao sexual, em plena revolução do “é proibido proibir”, “faça amor, não faça a guerra” etc.? Em nossa sociedade, tornou-se um fenômeno mais estranho do que um

progresso da civilização. Por isso, seria interessante estarmos suficientemente esclarecidos a respeito do drama subjetivo dos sujeitos pedófilos antes de nos lançarmos nesta caça às bruxas, os tribunais de Inquisição ainda lançam suas sombras sobre nossas memórias.(FLEIG, 2010, s/p).

Além disso, Freud propõe uma nova ética sexual: a honesta. Para ele, os indivíduos seriam mais saudáveis se pudessem expor seus desejos sexuais, e não reprimi-los por uma moral e ética imposta exteriormente, que não considera a psique individual dada interiormente. Porém, quando os desejos sexuais desses indivíduos prejudicam o outrem (no caso, a criança), deve-se pensar em uma alternativa saudável para expor esses desejos.

O sujeito Freudiano está dividido entre uma sexualidade psíquica que o domina e uma sociedade cultural com suas exigências, sendo o sujeito resultado desta divisão. Porém, Freud se otimiza em pensar na possibilidade de transformação dos neuróticos e da própria cultura. Se inicialmente o objetivo da psicanálise era transformar um sofrimento individual em infelicidade moralmente aceita e comum, posteriormente a terapia psicanalítica tem como objetivo tornar os indivíduos aptos para a existência, sendo estes mais produtivos, prazerosos e tolerantes.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Segundo Doc Comparato (2009), um roteiro deve possuir três aspectos fundamentais: *Logos*, *Pathos* e *Ethos*. *Logos* seria a ferramenta de trabalho que dará forma ao roteiro e o estruturará, é a palavra, o discurso, a organização verbal do roteiro. *Pathos* é o drama, ou o conflito cotidiano que vai gerando acontecimentos. *Ethos* seria aquilo que se quer dizer, a ética moral ou significado último da história.

O *Pathos* é retratado através da pedofilia, que é a fonte que desencadeia os acontecimentos do roteiro e principal conflito do personagem.

O *Ethos* do roteiro é exposto através das ações dos personagens secundários (representantes da sociedade em sua maioria), a maneira como eles reagem perante a condição de Arthur (nesse caso, negativa e injusta), e como isso reflete no personagem.

Neste caso, a escolha do *Pathos* foi elaborado para se relacionar com o *Ethos*, pois ao expor a pedofilia como drama subjetivo do personagem e não como um mau para a sociedade, o auto-questionamento do *Ethos* se reforça por conta do *Pathos* ser de extremo tabu.

Outra referência para a elaboração do roteiro foi o “Paradigma do Roteiro” proposto por Syd Field (1979), que diz que uma das melhores formas para se estruturar um roteiro seria dividi-lo em três atos (apresentação, confrontação e resolução) e entre esses atos, devem existir os pontos de virada, que são eventos da história que a revertem para outra direção. Em “Libido” a apresentação do personagem mostra seu conflito através de símbolos, como por exemplo, o cereal colorido e a escolha pelo desenho do “Bob Esponja” a ser assistido por Arthur na segunda cena.

O primeiro ponto de virada se dá quando Arthur recebe o pedido para lecionar para o ensino fundamental, neste ponto há a mudança de sua consciência, que antes estava tranqüila e agora está preocupada. O segundo ato se desencadeia após esta mudança de consciência, quando Arthur tenta de todas as maneiras sanar seus desejos sexuais, procurando ajuda em vertentes distintas: mulheres, religião, terapia, e pessoas que se assemelham ao seu objeto de desejo.

O segundo ponto de virada vem à tona quando a personagem Psicóloga liga para o colégio em que Arthur trabalha e conversa com a diretora do colégio sobre as confidências de

Arthur nas sessões terapêuticas, a consciência do personagem passa a se sentir desamparada.

A resolução é o ponto chave de toda a intenção da obra: ela não se resolve. Os personagens secundários não estão psicológica, moral, ética e conceitualmente preparados para compreenderem Arthur, então o auto-questionamento do espectador e a simbologia da natureza humana são colocados no roteiro na última cena, quando Arthur é agredido por alguns homens da vizinhança por terem suposto que ele tivesse feito algo, que espancam e humilham uma vítima de seus próprios desejos.

No roteiro também foi utilizado como método a afeição do espectador por um anti-herói. O anti-herói é o termo que designa o personagem caracterizado por ações ou valores éticos e morais opostos aos da sociedade, mas que acaba conquistando o espectador por mostrar algumas qualidades, ações ou justificativas convincentes, como por exemplo, os personagens Alex Delarge, protagonista do clássico do cinema *Laranja Mecânica* (Stanley Kubrick, 1971), Travis Bickle, protagonista do filme *Táxi Driver* (Martin Scorsese, 1976) ou a mais recente Lisbeth Salander, protagonista do filme *Millennium – Os Homens Que Não Amavam as Mulheres* (David Fincher, 2011).

A referência para a formatação geral do roteiro “Libido” e toda sua organização verbal está de acordo com o livro “Como Formatar Seu Roteiro” (Moss, 1996).

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A pedofilia é um assunto alvo de discussões intrigantes, pois envolve questões psicológicas, físicas e morais do agressor e da vítima. Na maioria das vezes, o pedófilo é posto como o “vilão”, e praticamente nunca como vítima. E na história do cinema não é diferente: raramente são expostos nos filmes os dramas subjetivos dos personagens pedófilos, sendo de preferência tratar de suas pulsões como perversões e os danos físicos e psicológicos que causam ao outrem.

Para que o roteiro se tornasse rico em referências críveis, o personagem foi construído a partir de duas pesquisas: a primeira a do relato de um rapaz americano de 19 anos (que não quis se identificar), que deu entrevista para a revista americana “*Upworthy*” (2014), contando sobre seu desejo sexual por crianças. O rapaz conta que apesar de não sentir atração por homens e mulheres adultas, jamais teve coragem de praticar qualquer ato sexual com uma criança, e para tentar melhorar sua situação, ele criou um grupo de auto-ajuda com outros pedófilos que se encontram na mesma situação que ele.

Outra Referência foi o psicanalista e filósofo Mario Fleig, que expõe sua opinião através da entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, sendo principal referência para a construção do personagem Arthur. A partir do relato real do jovem americano e das considerações de Mário Fleig, o personagem Arthur foi construído expondo estas referências em algumas cenas. Por exemplo, na cena 03, o espectador nota que Arthur é um pai ausente, e explicitamente na cena 12, na qual Arthur insinua estar de fato evitando sua filha, remetem às considerações de Mário Fleig sobre o pedófilo raramente abusarem de seus filhos, e seu relato sobre um de seus pacientes que disse que estava com medo de machucar sua filha. Nas cenas 05 e 11, o fato de Arthur se mostrar receoso em conviver com crianças e sentir medo desta nova situação, refere à consideração de Mario Fleig de que só pelo fato dele reconhecer seu conflito e tentar evitá-lo, o coloca no campo das pessoas que se livram do problema – inclusive, esta fala é dita pela personagem Psicóloga, na cena 12 -.

A tese sobre a posição ética e moral da sociedade para com a sexualidade individual de Freud, tratada na obra “O Mal-Estar na Civilização” (1930), também é exposta subjetivamente em algumas cenas, e principalmente em personagens secundários. Na cena

04, o discurso da aula de Arthur é justamente sobre o preconceito da sociedade. Nas cenas 07, 14 e 15, as tentativas de Arthur em desviar suas pulsões sexuais em outras coisas, é uma crítica à opinião de Freud de que para resolver este problema de imposição moral da sociedade, o sujeito tem que ser honesto com seus desejos. Na cena 06, as crianças correndo em volta dele, juntamente com o quadro “Saturno Devorando o Filho” ao fundo, é o ápice da simbolização da moral sexual imposta pela sociedade, sendo Saturno representando a distorção e o estereótipo do pedófilo, o filho devorado sendo o exagero e falta de informação psicanalítica, social e histórica da sociedade, e as crianças em volta de Arthur são sua própria libido. Nas cenas 12, 22 e 27, a diretora da escola, a psicóloga e os homens que batem em Arthur, são os personagens secundários que representam a sociedade freudiana, e suas ações para com Arthur simbolizam a ética e moral que são impostas, assim como o fato das pessoas discutirem determinados assuntos e ignorarem outros, julgando assim, as pessoas sem saber os motivos que as levam a cometerem tais ações.

Utilizar-se de relatos reais de um pedófilo vítima de seus desejos, e de considerações feitas por um psicanalista através de relatos de seus pacientes, possibilitam que a pesquisa para a elaboração do projeto se tornem mais críveis, tendo assim, bases sólidas e concretas para tratar de um assunto tão delicado.

CONSIDERAÇÕES

Trabalhar em um roteiro tão ousado, que pode causar diversas reações inesperadas e interpretações erradas do espectador pela exposição do pedófilo como vítima dos seus desejos, foi um grande desafio. Porém, foi de grande aprendizado da autora, principalmente ao estudar o argumento da obra, o que a fez proporcionar bases concretas e segurança para tratar de um assunto tão delicado. A intenção da autora é utilizar o roteiro para a realização de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que será transformado em um curta-metragem de 15 minutos, crendo ser possível por conta do baixo orçamento que a obra propõe, estando no alcance da autora e dos demais membros da equipe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COMPARATO, Doc. **Da Criação ao Roteiro: Teoria e Prática**. São Paulo, Ed. Summus, 2009.

FIELD, Syd. **Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001.

NICÉAS, Carlos Augusto. **Introdução ao narcisismo – O amor de si**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 2013.

MOSS, Hugo. **Como Formatar Seu Roteiro**. Rio de Janeiro, Ed. Aeroplano, 2002.

FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

FREUD & BREUER, Sigmund & Joseph. **Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos: Comunicação Preliminar**. Rio de Janeiro, Ed. Imago, 1988.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu – Alguns Pontos de Concordância Entre a Vida mental dos Selvagens e dos Neuróticos**. Rio de Janeiro. Ed. Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. **O Interesse Científico da Psicanálise**. Rio de Janeiro. Ed. Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. **Além do Princípio do Prazer**. Rio de Janeiro. Ed. Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. Rio de Janeiro. Ed. Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. **Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade**. Rio de Janeiro. Ed. Imago, 1986.

SOLER, C. **Interpretação: as respostas do analista**. São Paulo: Opção Lacaniana, 1995.

MORDECAI, Adam. **Este Pedófilo de 19 Anos de Idade Nunca Chegou Perto uma criança. E Ele precisa de você para ouvir sua história**. Estados Unidos. Upworthy, 2014. Disponível em: <<http://www.upworthy.com/this-19-year-old-pedophile-has-never-gone-near-a-child-and-he-needs-you-to-hear-his-story>> Acesso em: 03 mar. 2015.

FLEIG, Mário. **O Pedófilo Como Vítima de Seu Desejo e Perversão**. Rio Grande do Sul. IHU On-Line, 2010. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3152&secao=326.